ANAIS
VIII ENCONTRO DE PESQUISA EM ARTE DA FUNDARTE
III SEMINÁRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA DA UERGS/MONTENEGRO
2015

Por uma Pedagogia do Silêncio

Eduardo Guedes Pacheco[1]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS
Bruno Parisoto[2]
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este ensaio apresenta os desejos de pesquisa do grupo ARTDIFE - Arte, Diferença e Educação, grupo vinculado a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Por uma Pedagogia do Silêncio propõe a partir da obra de John Cage, em especial seus estudos sobre o silêncio, estudar como compor ações docentes na perspectiva de entender os espaços educacionais como lugares dados a composição de ações pedagógicas e criações em arte. Tomando como intercessores, além do já citado compositor, este trabalho busca em autores como Gilles Delueze, Roland Barthes alimento para pensar possibilidades de atuação docente nos cursos de formação de professores de Arte, em especial, os cursos de Licenciatura em Dança, Música, Arte Visuais e Teatro da UERGS.

Palavras-chave: Silêncio; composição; formação docente.

Se pudéssemos, ou desejássemos realizar um inventário das características dos espaços dedicados às atuações docentes e discentes encontraríamos algumas recorrências na constituição dos mesmos. A que nos interessa diz respeito aos sons que compõem os espaços educacionais. Que tipos de sonoridades se fazem presentes quando professores e alunos se reúnem para estabelecer relações com o conhecimento? Aliadas aos movimentos sonoros que fazem parte da composição cotidiana, como as vozes de professores e alunos estabelecem encontros quando o cenário principal é o espaço educativo? Que tipos de composição surgem quando professores orientam a relação com o conhecimento nas ações educacionais? Em tempos que a recorrência da palavra crise acompanha os olhares sobre as situações que a Educação Brasileira vive, o sociólogo Rui Canário (2005) nos lembra de que o conceito que ajuda a definir o que é o escolar, apesar das particularidades atribuídas

[1] Bel. Música, habilitação em Percussão pela UFSM; Me. Em Educação pela UFSM; Dr. em Educação pela UFRGS. Professor Adjunto da UERS; Coordenador do programa de Doutorado Interinstitucional UERGS/UFSM (DINTER); Coordenador do Grupo de Pesquisa ARTDIFE – Arte, Diferença e Educação.
[2] Graduando em Dança: Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Monitor dos componentes curriculares de Técnicas Corporais III e Expressão Vocal. Integrante do Grupo de Pesquisa sobre a Pedagogia do Silêncio, orientado pelo professor Dr. Eduardo Guedes Pacheco. Bailarino-Pianista com formação em Teoria, História da Música e Piano (incompleto) no Instituto Musical Verdi, e formação em Teoria e Estruturação Musical na Academia Rima de Aperfeiçoamento Musical.

ao tempo em que vivemos, é o mesmo desde a invenção da instituição escola. Tal conceito carrega consigo uma particularidade que é viabilizada através da constituição de um dos pilares da Educação Moderna, ou seja, um fala para todos como se todos fossem um. Mesmo que os espaços físicos estejam fantasiados de disposições circulares, que as relações com o conhecimento vistam roupas coloridas de diálogos e discursos docentes apresentem tentativas de progressividade crítica a principal voz expressa é a do professor. Todas estas fantasias não conseguem esconder o autoritarismo que tenta ser disfarçado quando professores, mesmo que apoiados em discursos de liberdade inventam todas as perguntas, criam todos os questionamentos. Roland Barthes (2003) nos convida a pensar sobre a liberdade quando diz que Fascismo não é impedir-nos de dizer, é obriga-nos a dizer. É sobre esta voz que este ensaio deseja discutir. É Rui Canário (2005) que continua a nos ajudar quando nos convida a pensar sobre a escola como um espaço para o treinamento de responder perguntas. Ao limitar o que deve ser respondido (fascismo), a supremacia da voz docente apaga a possibilidade de que as vozes discentes possam soar. Responder o que é perguntado é realizar uma resposta muda, já que a voz que soa é voz de quem pergunta. Mesmo que expressa fisicamente através dos sons de quem a responde, a voz que se faz ouvir é a do professor. As perguntas realizadas conhecem suas respostas, não abrem espaço para nada que não a mera devolução de conhecimentos, a volta do que foi informado através da voz professoral. Assim, ao perguntar, o professor não deseja nada mais que reouvir a sua própria voz, mesmo que através das falas dos seus alunos. Nesta situação o corpo discente não expressa suas inquietações, ou melhor, não tem a oportunidade de criar suas próprias relações com e sobre as situações que vivem nos espaços educacionais. Esta é uma política pautada no apagamento da presença do inesperado. Suas consequências não deixam professores ilesos, já que ao interrogar um aluno, ao ensinar uma regra gramatical ou de cálculo (DELEUZE e GUATTARI, 1995a), ou quando ensina sobre um acorde, um movimento, uma imagem o faz sem se interrogar, sem se colocar em dúvida. Esta é a imobilidade que uma concepção docente pautada nos monólogos professorais proporciona para aqueles que ali estão. O afastamento da imprevisibilidade promove

um tipo de ação educacional que afasta a invenção de suas possibilidades (KASTRUP, 2001).

...

Quais são as motivações que levam ao desejo de elaborar este ensaio? Entre elas, a vontade de compartilhamento sobre o trabalho realizado pelo grupo de Pesquisa ARTDIFE – Arte, Diferença e Educação, em especial a Pesquisa Por Uma Pedagogia do Silêncio. Este grupo atua na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em especial, nos cursos de Licenciatura em Dança, Artes Visuais, Música e Teatro. Estas motivações estão ligadas aos nossos desejos de criar pensamentos sobre Arte e Educação. Para isso tomamos emprestados de filósofos, músicos, professores, bailarinos, atores seus convites para pensar possibilidades sobre a atuação docente de professores da Arte. Entre os empréstimos realizados, pegamos de Deleuze (2006) sua proposição de que a Filosofia que deseja realizar é aquela que é tomada em primeiro lugar pelo coração, e depois pelo cérebro. É a paixão pela Arte e pela docência neste campo que nossa vontade de estudar, pesquisar e criar sobre a atuação docente nesta área acontece. Mas ao mesmo em tempo que a paixão se faz presente, uma espécie de fome contribui para que escolhamos este lugar. Fome esta que expressa a nossa não vontade de se alimentar das relações promovidas nos espaços educacionais onde o autoritarismo é principal fonte de elaboração de relações entre pessoas e entre pessoas e conhecimentos. Ao modo do artista da fome de Kafka (1998), que não se alimenta do que lhe oferecem para comer, e por não desejar aquele alimento se faz um artista que tem na fome sua principal performance, nossa pesquisa expressa nossa fome por possibilidades de invenção dos espaços docentes, por invenção nas relações com o conhecimento, por invenção das pessoas que participam deste território. Expressa nossa fome por invenção de docências não experimentadas. A escolha para realizar nosso desejo de pesquisar, estudar, escrever, experimentar sobre Uma Pedagogia do Silêncio tem como principal inspiração a obra do Compositor John Cage (2011). Tomando sua vontade de criar possibilidades de pensamento que fossem expressas através da Arte que, no entanto, pudessem tratar da vida, o compositor escolhe estudar sobre o silêncio como modo de intervenção e problematização sobre a criação em Arte. Entre as suas criações, é

a peça 4'33" que serve como intercessora para que possamos ousar realizar uma pedagogia guiada pelo silêncio. Nesta música, a principal ação do instrumentista (ou da orquestra) é realizar um gesto silencioso. Ao não produzir sonoridades esperadas (melodias, harmonias e ritmos) os sons produzidos surgem de outros atores dentro da sala de concerto. O silêncio do artista provoca a produção sonora da plateia. Tomando como inspiração esta música, surgem novas vontades de perguntar sobre como seria uma docência que encontra no silêncio um dos seus traços? O silêncio pode produzir possibilidades de atuação docente, que por sua vez produziriam ações discentes? O silêncio pode ser entendido como produtor de pedagogias nos espaços educacionais dedicados a Arte? Quais relações podem ser criadas, na contemporaneidade, entre silêncio e ação pedagógica?

...

Uma Pedagogia do Silêncio expressa escolhas sobre entendimentos e concepções que ajudam a compor os cotidianos educacionais. A escolha é de que os movimentos docentes "possam ser produzidos, construídos, desmontáveis, reversíveis, modificáveis, como múltiplas entradas e saídas, assumidamente contra os sistemas centrados, de comunicações hierárquicas e ligações pré-estabelecidas" (DELEUZE e GUATTARI, 1995b, p.32). A proposta é que esta pedagogia se constitua numa tomada de posição contra qualquer possibilidade de hierarquização entre as pessoas que compõem as salas de aula, entre os conhecimentos escolhidos para serem tratados, ou seja, uma proposta de formação docente que acontece sem a presença de Generais (idid). Sem distâncias hierárquicas, este ensaio propõe que as vontades eleitas nos espaços educacionais possam ser pautadas pela produção de sensações (DELEUZE e GUATTARI, 2005) nos contextos escolares. Para tanto, nosso desejo escolhe tratar a sala de aula como lugar identificado com a composição em Arte. Para o filósofo músico Silvio Ferraz (2005), a composição não busca formas de organização. O que ela busca é realizar encontros entre, corpos, figuras, sons, materiais que ao se encontrarem produzam potências de sensação. "Compor é desenhar um lugar, preestabelecer o que tem por lá, por algumas pedras, umas passagens, umas saídas, criar umas ranhuras que possam, quem sabe atrapalhar uma visão que era clara" (FERRAZ, 2005, p. 97). A partir desta escolha de

entendimento, a atuação docente do professor de Arte passa a fazer parte das possibilidades dos movimentos de uma composição. O convite é que o docente, ao realizar o gesto silencioso possa propor que as relações, a produção e as situações que envolvem os espaços de atuação em educação sejam guiadas pelas vontades compartilhadas com a criação em Arte. O que define suas potências são as qualidades dos encontros e suas forças. Desta forma, o espaço escolar é um lugar em constante devir. São afastados os entendimentos pré-definidores e autoritários. A atuação docente se afasta das possibilidades de mediação e o professor passa a ser um compositor de ações, de relações e produções com o conhecimento, onde os demais presentes (alunos e alunas) não ocupam posições de passividade, mas sim de compositores, assim como seus professores.

...

(Re)criamos, ainda, com o pensamento de José Gil (2004), de forma a (re)construir relações entre corpo e silêncio, sendo o corpo do estudante estruturado neste momento preciso em que perde seu equilíbrio e arrisca cair no vazio. Luta, jogando tudo por tudo: está em jogo a sua vida, sua liberdade de estudante, seus sons. Por meio do silêncio domará o silêncio: com um som arrebatará seu corpo traçando formas-questões. Uma forma-som de espaço-corpo efêmero, por cima do abismo. Em eterno fluxo de desequilíbrio-silêncio-criação.

...

O silêncio, na perspectiva deste ensaio pode ser entendido como um exercício de tradução dos modos de silêncio utilizados por Cage para pensar a arte e a vida. Neste caso o mesmo não é tratado como ausência, como falta. Musicalmente, “na prática o silêncio não é a ausência de uma presença, mas a presença de uma ausência: uma ausência que se faz ouvir, que faz diferença, que produz.” (HELLER, 2008, p.16). Ao traduzirmos esse entendimento para as ações docentes, o silêncio do professor passa a ser entendido como um gesto, uma atitude. Uma forma de provocação, de questionamento, uma ação pedagógica que se faz presente através de um movimento.

...

Por que propomos este trabalho? Ao modo de John Cage que ao criar suas composições o faz na busca do inédito, Uma Pedagogia do Silêncio é uma tentativa de criar possibilidades ainda não vividas, não experimentadas para os espaços educacionais. Tomando emprestada da professora Sandra Corazza as ideias de seu livro "Para uma Filosofia do Inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins" (2002), "a tarefa específica dessa formação é ser capaz de pensar o impensável, o intratável, o impossível, o não pensado do pensamento educacional." O silêncio passa a ser provocação, gesto, conceito, que ao se apresentar como possibilidade de pensamento sobre a docência não tem interesse nas verdades recebidas. Os gestos silenciosos tomam valores herdados como matérias primas para metamorfoses e transformações. O que antes poderia ser entendido como falta, ausência passa ser movimento que ao ser realizado abandona os pensamentos únicos. Gesto que é de paixão pela multiplicação de devires e pela possibilidade de criação de singularidades.

...

A intenção de criação de uma Pedagogia do Silêncio pode ser traduzida por vontade de invenção de uma Pedagogia do encontro. Encontro entre docentes e discentes, encontro entre pessoas e possibilidades de relação com o conhecimento. Ainda, ser traduzida por uma Pedagogia da composição, já que os encontros podem ser entendidos como a construção de caminhos para novas composições, criações estas que envolvem os aspectos que tratam dos espaços educacionais. Composições de músicas, danças, teatros e imagens que por sua vez podem, também, ser traduzidas como possibilidades de invenção das próprias pessoas envolvidas nestas ações.

...

Referências

BARTHES, R. A **Preparação do Romance Vol. II.** Tradução: Leyla Perrone Moises. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAGE, J. **Silence**. 50 ªEd. Ed. Wesleyan University Press: United States of América, 2011.

CANÁRIO, R. **O que é a Escola**. Porto: Porto Editora, 2005.

CORAZZA. S. M|. **Para uma Filosofia do Inferno na Educação**: Nietzsche, Deleuze e outros afins. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRAZ, S. **O livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]** – um livro de música para não-músicos para músicos. 1ªEd. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2005.

GIL, J. **Movimento Total**: o corpo e a dança. Tradução: Miguel Serra Pereira. São Paulo: Iluminuras, 2004.

GILLES, D.. **Diferença e repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro. Editora Graal, 2006.

GILLES, D.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 1ªed. Tradução: Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. I.** 1ª Ed. Tradução: Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

_____. **Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia Vol. II.** 1ª Ed. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

HELLER. A. A. **John Cage e a Poética do Silêncio**. 2008. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão - Curso de Pós Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

KAFKA. F. **Uma Artista da Fome e A Construção**. Tradução: Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

KASTRUP, V. Aprendizagem, Arte e Invenção. In.: NIETZSCHE e DELEUZE: **Pensamento Nômade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.